

O PORTUENSE FR. PEDRO CALVO, O. P. E A POLÊMICA SOBRE AS ORDENS RELIGIOSAS NOS COMEÇOS DO SÉCULO XVII

Por José Adriano de Freitas Carvalho

Sampaio Bruno nos quatro tomos que dedicou aos *Portuenses Ilustres* e ao *Porto Culto*, parece, se as minhas leituras da obra não me atraíam, ter-se esquecido dum «portuense ilustre»: Fr. Pedro Calvo, da Ordem dominicana. É certo que dele se lembra o P.^o A. Rebelo da Costa, na sua útil *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto...*, mas a sua lembrança resume-se, porém, a catalogá-lo, como a tantos outros, entre os homens «ilustres em Letras»¹...

Há, portanto, que abandonar os historiadores do Porto se queremos saber algo sobre este homem do Porto... Barbosa Machado quem, como costumava, colecciona muitas referências à sua obra e à sua personalidade, poderia ser o nosso primeiro guia sobre este dominicano portuense.

De todos os modos, da biografia do Fr. Pedro Calvo continuamos a saber muito pouco. Faltam-nos as balizas da sua existência e referências precisas aos momentos importantes do viver deste frade da segunda metade do século XVI..., mas que trabalha ainda durante os primeiros 20, talvez mesmo 30, anos do século seguinte. No entanto, se nos faltam estas datas, conhecemos, com precisão, uma que é a que verdadeiramente conta na existência dum religioso: a da sua profissão em 25 de Agosto de 1566 no convento dominicano de Aveiro. E embora Fr. Pedro não lembre esta data em qualquer lugar da sua obra, não deixou de recordar como modelo de religiosos o prior de quem recebeu o hábito: Fr. Reginaldo de Melo «o qual depois de Prior de S. Domingos de Évora, viveo em muyta abstinencia dormindo

¹ Pd. A. Rebelo da Costa, *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto...* ed. (2.^a) de A. Magalhães Basto, Ed. Progredior, 1945, p. 393.

sobre hũa pouca de palha, e mantas de sacco trazendo hũa cadea de ferro cingida, fechada com hum cadeado, e a chave lançada no mar com o qual o acharão depois de morto, e se guarda no depósito do dito convento como reliquia...»². É esse Fr. Reginaldo o primeiro dos varões de Sancta vida que [o] criarão na religião e edificarão com seu santo exemplo... Os outros de que faz grata menção — Fr. Francisco de Bobadilha, Fr. Estevão Leitão..., Fr. Martinho de Ledesma... Fr. Jerónimo Correia... — uniram todos a sancta vida e as grandes letras...³.

Por outro lado, sabemos, porque o confessam alguns dos seus biógrafos antigos que sintetiza Barbosa Machado⁴, que foi mestre de Teologia, prior de S. Domingos de Lisboa e pregador real..., títulos e funções que nos falam da sua proeminência na ordem dominicana. Como não tivemos ainda ocasião de ver o seu *Sermão de S. Domingos* que passa por ter sido pregado em 1619 diante de Filipe III, durante a sua visita a Lisboa e nesse mesmo ano publicado por Pedro Craesbeeck, não podemos aquilatar se, como pregador real, Fr. Pedro Calvo pôs em prática o que em algum lugar da sua obra aponta como uma das funções do religioso: dizer a verdade (queria certamente dizer as verdades...) aos reis. De todos os modos, as suas *Homilias da Quaresma* (1627, 1.^a parte; 1629, 2.^a parte) confirmam bem as referências de Barbosa Machado e de Inocêncio a Fr. Pedro Calvo como um dos mais célebres pregadores do seu tempo. Por algo D. Francisco Manuel de Melo na sua carta ao Dr. Manuel Themudo o assinala como *famoso escritor de Homilias*⁵... E mesmo que descontássemos à celebridade de que disfrutou em seus dias a relatividade do gosto, ainda assim, para a repor na sua justa dimensão, poderíamos contar com as referências bem positivas que em nossos dias já se fizeram à sua arte de pregar⁶...

Não é, contudo, da sua obra oratória do que vamos ocupar-nos aqui. Esta merece bem um estudo, mas neste momento só nos interessa a sua *Defensam das Sagradas Religiões* que é a segunda parte de um *Tratado* cuja primeira se intitula *Defensão*

² Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões, Fruto das Lágrimas de Christo Nosso Senhor*... fol. 106 r. (Citamos pelo exemplar da B. M. P., sem rosto, que contém também a 1.^a parte — *Defensão das Lágrimas dos Justos Perseguidos*). As licenças são todas de 1618 para as duas partes, as quais, no entanto, não podemos garantir se foram também impressas respectivamente por Pedro Craesbeeck e António Álvares como assinala F. I. da Silva no seu *Dicionário Bibliographico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, t. VI, p. 392, n.º 195).

³ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões*, ed. cit., fol. 106 r-1065.

⁴ Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1752, V. III, pp. 565-566.

⁵ D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas Familiares*, IV, 1, Lisboa, s. a. António Pedrozo Galram, 1752, pág. 329.

⁶ J. do Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, Porto, Livraria Figueirinhas, s. a. (2.^a ed.), I, p. 134.

das Lágrimas dos Justos. As duas obras, apesar de aparentemente ditadas por circunstâncias diversas, têm, como assinalava já Fr. Tomás de S. Domingos na sua aprovação, não só o *mesmo espírito e zelo da salvação das almas*, mas também intenção bastante próxima e, é possível sugeri-lo agora, são articuláveis, até certo ponto, entre si. E curiosamente, tanto uma como outra parte, isto é, uma e outra obra, foram escritas rapidamente..., sob o signo da urgência. Com efeito, na *Defensam das Sagradas Religiões*, refere-se Fr. Pedro aos anos 1618 e 1617, como a datas em que andava escrevendo a obra... E se fosse permitido entrar, sem mais, neste jogo de datas, seria também possível sugerir que entre 1617 e 1618 teria o dominicano portuense escrito esta sua obra..., talvez até as duas partes do seu *Tratado*. No entanto, parece ser admissível avançar um pouco mais e aceitar, através da sequência um tanto anárquica das suas referências cronológicas, que a obra escrita em 1617 se concluiu por Janeiro-Fevereiro de 1618. Com efeito no texto há duas referências a «esta presente de 1618» que conjugadas com as datas da dedicatória e das 1.^{as} licenças da Ordem para a impressão da obra — ambas de 15-II-1618 — nos permitem sugerir aquela conclusão. Em 24 de Março de 1618 estava o *Tratado* completamente pronto de licenças para entrar no impressor. Tal rapidez assim datada — e raras serão as obras que terão obtido tão prontamente as licenças várias para correr — parece, efectivamente, indicar a urgência referida. Por outro lado, há entre as duas partes uma repetição de argumentação e autoridades, que, confirmando essa identidade de espírito, apontam também; à sua maneira, para uma economia de tempo que, seguramente, não de saber... Mais ainda: embora o exemplar por nós consultado não permita, pelo seu estado de conservação, tirar conclusões acerca do impressor, sabe-se que as duas partes, publicadas no mesmo ano e ao parecer com as mesmas licenças, foram impressas por dois editores diferentes, — Pedro Craesberck e António Álvares —, circunstância que a seu modo parece continuar a indicar a premência da publicação dessas «defensões».

É, portanto, possível perguntar o porquê desta urgência..., e, diga-se agora, dessa polémica que facilmente se detecta, desde o título, ao longo dessas defesas... São as alusões do autor às calúnias que os invejosos levantam aos justos⁷ ou a *hum tom ou destom de hũa voz que em esta nossa idade de 1617 soou por nossas orêlhas*⁸, algo que sugere imediatamente esse tom polémico... A última afirmação, cremos aponta algo acontecido ou publicado, que originou a reacção de Fr. Pedro Calvo... e que ele discretamente, por razões que não expõe, nunca refere de maneira concreta. Se nos fiarmos, porém, em Barbosa Machado,

⁷ Fr. Pedro Calvo, *Defensão das Lágrimas dos Justos...*, ed. cit., fol. 2 v.

⁸ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 14 r.

a quem segue o autor de *Dicionário Bibliográfico*, Fr. Pedro teria escrito a sua *Defensam das Sagradas Religiões* como resposta a *Les Misères du Temps*, obra (francesa?) cujo autor parece ter-lhe escapado, como a nós também, se é que não se trata de alguma obra anónima de origem reformada, como em alguma ocasião o texto de Fr. Pedro Calvo poderia sugerir. A urgência da resposta do dominicano, que parece evidente, corresponderá à divulgação, em qualquer grau, da obra entre nós? Apesar dos nossos esforços não podemos responder por agora, mas podemos continuar a perguntar. Com efeito, como veremos pela análise sumária da obra de Fr. Pedro, não será de pôr a questão se ele, a pretexto dessas «misérias do tempo» — sem dúvida a decadência das religiões — não teria retomado uma argumentação não totalmente ainda abandonada, contra os que, reformistas ou reformados, criticavam as ordens religiosas? Há, de facto, essa alusão a *hũa voz que destemperou* por volta de 1617, mas há também alusões muito mais precisas a outras vozes que tinham destemperado muito antes: Lutero... Calvino... Wiclif... e a outras vozes críticas ainda mais antigas de que teve que se ocupar, por exemplo, S. Boaventura.

De todos os modos, qualquer que tenha sido o detonador imediato, Fr. Pedro Calvo participa em Portugal numa polémica europeia dos começos do século XVII, perspectiva que dadas as circunstâncias culturais da época em Portugal, nunca será demais atender.

A *Defensam das Sagradas Religiões* que leva a cabo Fr. Pedro, começa exactamente por inquirir da necessidade que haja de defender as religiões, o que além de pôr ao leitor uma questão cujo alcance retórico lhe permite resumir o historial dos ataques e defesas de que sempre foram ou, algumas vezes, se sentiram vítimas as ordens religiosas, nos situa, uma vez mais, a sua obra no plano da actualidade e da urgência.

Com efeito, apesar de *tão louvadas dos sanctos e doutores da Igreja* as religiões, essa *Ecclesiae pars selectior et sapientior*⁹ tal como os justos de que se ocupou anteriormente, sempre foram e são perseguidas..., caluniadas... Desde o seu começo, começo que Fr. Pedro, muito possivelmente para evitar aludir a outras polémicas sobre as verdadeiras origens e fundadores das ordens religiosas não data nem localiza, *as sagradas religiões sempre tiveram grandes inimigos...*, que sem atender a realidades sempre acusam. Um exemplo apenas. No tempo de S. Gregório Nazianzeno *quando os monges eram os que elle pinta, pobres, sem casa, sem tenda, dormindo sobre a terra, no mundo mas sobre o mundo, carecendo de tudo...*¹⁰ não deixaram de ser

⁹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 2 r.

¹⁰ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 5 r-5 v.

*apregoados por ociosos perniciosos às repúblicas e dignos, como diz S. Jerónimo, de serem lançados e desterrados do mundo*¹¹... Tais acusações que se vão repetindo como que ciclicamente e que não olham nem à realidade nem aos frutos que a confirmam — número de santos e santas..., de papas, bispos, abades, etc. que delas brotaram — foram violentamente retomadas a propósito das ordens mendicantes contra as quais o diabo moveu todos os exércitos do Inferno¹²... Deixando de lado as visões que confirmam tais ataques contra os mendicantes — e não esqueçamos que Fr. Pedro também o era — lembremos somente aqui, porque o autor lhe concede um lugar de relevo, os bandos de teólogos que capitaneados por Guilherme do Santo Amor não se cansaram de motejar, escrever livros, motes, e donaires, contra dominicanos e franciscanos..., luta que culmina com a expulsão de S. Tomás e S. Boaventura da Universidade de Paris... Este é um momento maior dessa perseguição, mas antes e depois — a cronologia não é um forte de Fr. Pedro — valdenses e wiclifianos participam na mesma luta apregoando as religiões serem invenções do demónio, e outros — acusação mais grave — que *nenhum religioso se podia salvar por as religiões serem estado incapaz de se poder nellas cumprir a ley de Deos*¹³...

Depois veio Lutero... O seu aparecimento, não sabemos porquê, Fr. Pedro situa-o em 1543..., isto é, a três anos da sua morte... e a um ano da publicação da «Breve Instrução» de Calvino... De todos os modos, Lutero tornou o nome de monacho odioso que em nenhum modo o podem ouvir, nem sofrer, não só derribando-lhe os mosteiros, mas marterizando-os com extraordinários tormentos¹⁴... E porque calar Henrique VIII de Inglaterra que de *fino catholico* se volveu *refinado hereje* perseguindo, entre todos, os cartuxos *respeitados de todos por sua grande clausura, rigurosa penitencia e mais observancias em que foram fundados*¹⁵? A perseguição, que não olha à verdade, vem, portanto, como herança às religiões... A estas não resta mais do que, muitas vezes tão silenciosamente como os justos, defendem-se e esperar a confusão dos seus perseguidores cuja morte,

¹¹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 5 v.

¹² Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 6 r.

¹³ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 6 v.

¹⁴ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 7 r.

¹⁵ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 7 r.

geralmente afrontosa, confirma a sua condenação...¹⁶, conclusão esta que Fr. Pedro estabelece sobre exemplos que a História lhe fornece e que são manejados por toda a apologética do seu tempo.

Depois dos primeiros capítulos em que se limita, como se acaba de ver, a uma atitude expositiva e defensiva de alcance geral talvez determinado pelo carácter um tanto vago e ambíguo com que define os próprios inimigos — *amigos fingidos...*, *amigos falsos...* o que, pela sua própria e talvez buscada generalidade quase diminui o valor histórico de *Defensam* — Fr. Pedro Calvo passa a tratar, no 4.º Capítulo, das *razões com que os caluniadores querem provar estarem oje as religiões muy relaxadas*, isto é, se bem interpretamos o texto, ocupa-se dos argumentos que essa «voz» que se ergueu em 1617 apresenta, argumentos nascidos, segundo diz essa «voz», *não do ódio que murmura mas da charidade que chora a caída das sagradas religiões...*¹⁷

Com efeito, segundo essa voz que, como já se terá concluído, para Fr. Pedro não passa dum «falso amigo», as ordens religiosas *estão oje tam longe de sua primeyra instituiçam, que posto nellas aja ainda algũs varões verdadeyramente religiosos e pios são, contudo, tão poucos que a mayor parte por viverem esquecidos da sua salvaçam e profissam se pode temer que se percam...*¹⁸ É, pois, este quadro pessimista e velado que Fr. Pedro vai tentar repor nas suas verdadeiras dimensões, resumindo, para tal, em duas «desfeitas» os argumentos com que os críticos — Fr. Pedro oscila, como se terá notado entre a voz e as vozes, a voz e os falsos amigos — declaram a decadência do estado religioso.

Invocando a autoridade de St.º Agostinho..., de S. Jerónimo..., dum testemunho de S. Bernardo — pensamos nas palavras severas dirigidas a Guilherme de Saint Thierry — e duma visão de S. Pacómio e doutra de S. Francisco de Assis, isto é, dizendo basear-se na experiência dos doutores e dos santos, pretendem essas «vozes» provar — e é o tema central de todas essas declarações utilizadas, segundo Fr. Pedro, fora do seu contexto —

¹⁶ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 10 r: *Valente q̃ tanto vos vexou perdendo em breve afrontosamente seu exercito não morreu abrasado par seus inimigos? O perturbador Guilherme não acabou desterrado, e afrontado e seu companheiro Geraldo ou Sigerio depois de ferido de parlesia, não se vio cuberto de lepra, e della espirar? A fera de Vuicleph depois de condemnado e enterrado não foy por o Concilio Constansiente mandado desenterrar e lançar seus ossos fora da Igreja? O impiissimo Lutero não morreo de morte subita e improvisa com tam grande fedor que de muito longe não avia quem o sofresse?...*

¹⁷ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 14 r.

¹⁸ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 14 r.

que mudando de hábito e não de vida, os religiosos continuaram a procurar nas religiões as riquezas e o poder..., afastando-se, assim, não só dos ideais que diziam abraçar, mas também fazendo com que esse ideal apareça cada vez mais difícil de realizar. Tratar-se-ia, portanto, duma dupla traição ao espírito que animara os fundadores... E a renúncia ao mundo ter-se-ia tornado, deste modo, numa palavra vã.

A segunda acusação — a 2.^a «desfeita» — é consequência lógica da primeira. As religiões já não produzem hoje as *grandes searas e novidades de mártires, confesores, virgens...* A idade dourada da Igreja teria desaparecido, e com ela a *profunda humanidade..., a prontíssima obediência..., a puríssima castidade..., a estreitíssima pobreza...*¹⁹ Concedendo mesmo que não teriam desaparecido, estas virtudes que os adjectivos se encarregam de redourar e tornar mais belas, não teriam aumentado na proporção do número de religiões e de religiosos... E destes — S. Bernardo *dixit* — *muitos nam são chamados por Deos ao estado de perfeição, mas trasidos dos bens temporaes imperfeitos...*²⁰ E a que estão reduzidos os mosteiros? continua a perguntar essa «voz» em 1617. A casas de gente imperfeita..., caídas da perfeição primitiva afiançada pelos Bentos, Agostinhos, Domingos e Franciscos, e cheias de *escândalos graves manifestos e notórios...*²¹ Enfim, para estes críticos das ordens religiosas, críticos em que, como vemos, parece existir um desejo de reforma — e, com razão ou sem ela, esse ideal foi uma realidade mesmo em ordens reformadas como o Carmelo de St.^a Teresa (veja-se o fenómeno de Nicolau Doria)²², e em certas casas beneditinas²³ — para estes críticos, dizíamos, as religiões são comparáveis as *arvores e campos que ao princípio dão grandes novidades, depois pello tempo cansam, envelhecem e vem a dar pouco fruto*²⁴...

¹⁹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 15 r.

²⁰ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 15 r.

²¹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 15 v.

²² Sobre esta questão pode consultar-se o importante trabalho de Ildefonso Moriones, *Ana de Jesus y la herencia teresiana — Humanismo cristiano o rigor primitivo?* Roma, Edizioni del Teresianum, 1968 (esp. capítulos IV a VII).

²³ Cremos que o assunto não foi ainda convenientemente precisado nos seus limites e orientações, mas há que recordar, para a Espanha dos começos do século XVII, Fr. Alonso del Corral idealizador duma «reforma» beneditina de signo mais rigorista e Fr. Leandro de Granada, o grande editor e divulgador da obra da Santa Gertrudes de Helfta, que tendo convivido e colaborado com os carmelitas de Santa Teresa os aponta, alguma vez, como um ideal a propor aos seus irmãos de hábito. Tivemos ocasião de sugerir estas questões no nosso trabalho sobre *Gertrudes de Helfta e Espanha*, Porto, C. Lit. Univ. Porto, I.N.I.C., 1981, pp. 347-350; 356-357.

²⁴ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 15 v.

É todo um ciclo que está a ponto de fechar..., ainda que, ao parecer, essa «voz» de 1617 não o tenha realmente ainda fechado..., o que não impediu que Fr. Pedro Calvo, prevendo-o, insistisse em que as religiões existirão para sempre na Igreja... O dominicano português opunha deste modo, à dinâmica rasteiramente histórica que parece determinar a perspectiva do «inimigo», uma dinâmica providencial fundamentada não só nas promessas feitas por Cristo e pela Virgem Maria aos fundadores das ordens religiosas e a muitos dos seus membros, mas também a inumerável quantidade de santos que desde sempre nelas floresceram e florecem... E desde este ponto de vista Fr. Pedro Calvo será um argumentador positivo: à aparente vaguidade do seu opositor responde, sumados e tudo, com números concretos...

A esta argumentação, por vezes genérica e muito tradicional, respondeu, como acabamos de sugerir o dominicano do Porto. Antes, porém, de o fazer sistematicamente Fr. Pedro detem-se a analisar — e para nós a precisar — o género de inimigos com que tem de se haver...

Na sequência do que já tinha aludido, volta a afirmar que não o preocupam os inimigos declarados..., isto é, os que *infamam o ceo para desculpar gente que anda com o peito todo arrastado por a terra*²⁵, como luteranos e calvinistas que à corrupção da lei de Cristo chamaram reforma²⁶, sendo que o pior estado a que se pode chegar é tomar a vida relaxada por perfeição e a devassidão se cora cõ nome de brandura...²⁷. Teme-se, porque mais encobertos, dos que *se tem por bons que respeito de si julgão todos os outros maos, frios, tibios e de vida relaxada...*²⁸, inchados como fariseus ou, dito de outro modo, os que *levantarão como a virtude de maneira que reputando quasi todos por membros mortos se puserão a si nome de membros vivos e verdadeiros da Igreja Catholica...*²⁹. Estes, ainda que *se não chamem christãos de religião reformada se intitulam membros vivos e verdadeyros da Igreja*³⁰, crêm-se, deste modo, a Igreja verdadeira... E a eles que dessa Igreja excluem todos os que, segundo os seus critérios, estão mortos, Fr. Pedro lembra-lhes que não há Igreja viva e Igreja morta, mas sim Igreja santa da qual fazem parte todos os cristãos, inclusivé os peca-

²⁵ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fols. 16 r-16 v.

²⁶ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 18 v. (escólio).

²⁷ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 19 r.

²⁸ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 16 v.

²⁹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 20 r.

³⁰ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 19 v.

dores... É que a Igreja chama-se santa e não viva para mostrar que *não se afronta de ser may de filhos perfeitos e imperfeitos, e posto que por a parte dos justos seja toda ferosa e sem mágoa de culpa mortal, todavia não lança de partes suas os membros imperfeitos, os pecadores, mas como piadosa mãe e humilde a todos reconhece neste presente estado por seus, até aquelle último em que o trigo irá para o celeyro do ceo e a palha para o fogo*³¹... É esta lição que visa mais o crítico — a sua soberba — do que a matéria criticada, continua ainda um pouco mais elaborando as razões precedentes, o que faz dessas poucas páginas um momento alto da *méditation sur l'Église* dum frade português nos começos do século XVII, século este que por razões múltiplas tanta importância continuou a conceder à reflexão teológica sobre a Igreja... Fora de propósito tais reflexões aqui? De modo nenhum. Não nos havia prevenido Pedro Calvo de que, na sua perspectiva — e na do seu tempo e dentro das fronteiras da catolicidade —, *Ecclesiae pars selectior et sapientior* são os religiosos?

Mas, para seguirmos a argumentação de Fr. Pedro, pode-se agora perguntar: Terão os religiosos deste tempo chegado a esse estado miserável que esses «cristãos verdadeiros» não parecem tanto descrever como apenas evocar? Essas lágrimas que dizem derramar clamando a reforma das ordens religiosas não serão antes lágrimas que mais apregoam as faltas do que um autêntico desejo de reforma? Pedro Calvo assim o crê e vai mesmo ao ponto de, parafraseando Santo Agostinho, escrever que *se o bispo ou crérigo, ou frade ou freira cair em alguma falta descem depressa as águias carniceiras, mais sofregas que os corvos, e festejão a queda dos que na Igreja tem estado de procurar perfeição, e não de qualquer modo se hão nesta matéria, mas suão e tresuão que todos creão, que taes são os outros, posto que delles inda se não descubra o mesmo*³². Faltas? Não há, responde Fr. Pedro Calvo, porque negá-las..., mas daí não se segue que as religiões tenham chegado ao fim..., nem o seu estado justifica que alguns *andem buscando culpas que empor as religiões e falsissimamente as apregoar, porque como não podem criminar e escurecer a verdade da Igreja Catholica, por o mundo derramada, ao menos abatida e infamada a vida dos que pregão a Doutrina divina e declarão os mistérios sagrados, sejão ao mundo odiosos e delle desestimados, para que também a palavra de Deos pregada por elles seja menos recebida*³³...

Mas Fr. Pedro não se limita a esta defesa genérica que devolve os argumentos com acusações de intenção. Retomando

³¹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fols. 21 r-21 v.

³² Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 24 v.

³³ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 26 r.

a argumentação do autor — ou autores? — impugnado demora-se, a propósito das promessas que *Deos e a Virgem Nossa Senhora fizeram que as religiões durarão até o fim do mundo* (cap.º VIII), a mostrar que *os mais das religiões se salvão e vivem dentro dos limites da observância da sua regra*³⁴. Assim, para além das promessas que continuamente são feitas aos religiosos acerca da protecção dispensada por Deus e pela Virgem às ordens religiosas e de que estão repletas as suas crónicas — uma maneira espectacular de confirmar a santidade da sua vida muito do gosto do sentimento religioso «barroco» — podemos crer também que *os mais perseverão e morrem na companhia de seus irmãos com o Sacramento da confissão e da Santíssima Eucaristia do altar e com o da sãta União confessando a Fé Catholica Romana, desaposando-se de tudo o que com licença de seus prelados tinham a seu uso, pedindo a Deos com lágrimas perdão de seus pecados e muyto poucos são os que deixão a ordem ou que ella por membros podres lança*³⁵.

Deste modo, se esta perseverância não parece indicar, como pretende o autor criticado, que os mais vivem esquecidos do seu estado no essencial e enfim se perdem, também a vida que nas suas ordens levam o parece garantir. A essas indicações de *ars bene moriendi* junta Fr. Pedro Calvo as da *ars bene vivendi* que a antecede e a determina. Com efeito, não se vê o *uso dos divinos sacramentos tão continuado a oração publica mental e vocal cada dia duas vezes por hũa hora, outras por mea, outras per hũ quarto ao menos repetida, o jejum a mayor parte do anno, a disciplina commum nos dias para ella deputados, afora os que não se contentando cõ isso se açoutão até derramarem sangue todos os dias imitando a seus primeiros patriarchas, e seguindo suas pisadas assi nisto como em outros exercicios da virtude que inda nas religiões não estão caydos, posto que em algũs não naquelle primeyro ponto de rigor em que os santos as fundarão...*³⁶?

Como certamente teremos notado no fim da citação que acabamos de fazer, Fr. Pedro parece aproximar-se do ponto de vista do seu opositor e disso tem consciência quando volta a afirmar que *o facto de muytos não estarem naquelle primeiro ponto de rigor em que os santos as fundarão, não tira estarem dentro dos limites da observância a que basta agradarem a Deos...*, e isto pela razão muito humana e muito prática que *os primeyros mestres destas capellas de virtude da casa de Deos, tomarão o ponto de muyto alto, porque como soubessem que o canto e*

³⁴ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 26 v.

³⁵ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 28 v.

³⁶ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fols. 29 v-30 r.

a virtude por a continuação sempre descem, ficasse em seus filhos na proporção bastante pera deleytar os ouvidos e olhos de Deos³⁷... Não faltam autoridades ao dominicano do Porto e não duvidamos que S. Bernardo que cita a seu favor, embora não furtasse os seus irmãos a críticas severas, teria aprovado as suas conclusões. Basta lembrar aqui, uma vez mais, a violência das críticas e a prudência suave dos remédios e conclusões das suas invectivas contra Cluny, para compreender o aproveitamento que o dominicano português faz do reformador de Cister. Apesar de tudo, continua Fr. Pedro Calvo, há *hūs zelozos no mundo que nam se lhe pegando de Elias o recolhimento, nem a aspereza de durmir sobre a terra, no cume dos montes sofrendo as injurias e inclemencias da morte, nem o cilicio e pelle de camello de que andava vestido, nem o esforço de nam se acovardar em dizer aos Reys a verdade, só se lhes pegou delle hum juizo em que sem culpa se enganou cuidando que entre os filhos de Israel estava tudo acabado, a Ley de Deos quebrada...*³⁸

Deus mostrou a Elias que se enganava... Quem não é Elias não tem, pois, que se ofender quando se lhe declara que as religiões *não estão acabadas, as regras e constituições que os individuos dellas professão relaxadas, as cerimonias sanctas desusadas, nem o culto divino esquecido e só restarem mui poucos que tratem de Deos e sua salvação...*³⁹

As religiões — continua Fr. Pedro Calvo — *produzirão, produzem e produzirão, até o fim do mundo aquella multidão de varões que Deos sempre guardou, guarda e guardará, para com seu zelo, vida e sciencia ornarem a Igreja Catholica e a defenderem...*⁴⁰. Não prossigamos com a apologia... que repete, como se dum *leit-motiv* se tratasse, as mesmas orientações, os mesmos argumentos, o que nos parece sugerir a perspectiva ou uma das perspectivas que essa «voz» de 1617 — cem anos depois de Wittenberg — focava mais criticamente ou, então, a acusação a que Fr. Pedro Calvo foi mais sensível. De todos os modos, dum e doutro lado, uma questão de concepção da Igreja, de sensibilidade religiosa, e, logo, também social.

Não prossigamos, pois, com a apologia... Façamos, aqui, com o autor, uma pausa para olhar para outro lado... Deixemos os religiosos e atendemos o clero secular..., os bispos também. Não foi esta uma parte do clero que teve de suportar uma larga quota de acusações de ignorância..., de relaxamento ao longo

³⁷ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 30 r.

³⁸ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 31 r.

³⁹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 32 r.

⁴⁰ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 33 r.

da história da Igreja, e até muito recentemente? Pois bem, reconhecendo-o, o dominicano do Porto conclui que os tempos mudaram e *que tal está oje o estado dos illustrissimos e reverendissimos senhores arcebispos, bispos, tam exemplares na pureza de sua vida, tam charitativos nas continuas esmolos dos pobres, tão vigilantes sobre o espirital pasto de suas ovelhas, tão curiosos e cuidadosos do culto divino, tão frequentes em quasi todos os dias celebrar e sacrificar a Deos por o seu povo, que quem nelles poem os olhos, diz: estes sam aquelles a que Deos deitou a sua benção e por ordem sua postos por successores dos apostolos principes sobre toda a terra*⁴¹...

Fr. Pedro Calvo nada nos diz dos «illustrissimos e reverendissimos senhores cardeais» que visou Fr. Bartolomeu dos Mártires, seu irmão de hábito, mas garante-nos, sem concessões que nos falam da sua boa fé, que no estado clerical *inda que aja algũs imperfeytos, quem quiser consideralo sem olhos apaixonados verá que nam só os clérigos nobres e de importancia vivem oje com muyta reforma e cheiroso nome de virtude mas ainda grande parte dos outros...*⁴²?

Teremos, certamente, notado o «distinguo» que faz Fr. Pedro, que, equivalendo a um corte horizontal no corpo social do clero, introduz um matiz importante de fundas consequências sociais e que corresponde, dum modo geral, à situação histórica correcta... Lembremos quanto a reforma tridentina começou por ser, em larga medida, uma reforma *in capitis*, e que só muito lentamente e vencendo oposições várias que não sempre vindas das esferas eclesiásticas, se foi tornando uma reforma *in membris...*, invertendo, assim, de algum modo, o processo que durante muito tempo parecia fadado a presidir a todos os esforços reformadores...

De qualquer maneira, do que expõe Fr. Pedro Calvo não há mais que concluir que, quanto à vida e costumes estas partes da Igreja estão renovando a sua face, o que, continuem as críticas, sabemos ser geralmente exacto... O mesmo se diga pelo que ao zelo dos trabalhos apostólicos se refere. O texto de Fr. Pedro é longo mas tem de ser lido, já que faz parte integrante da sua defesa: *os religiosos que de continuo pregam a palavra de Deos e se ocupam no bem das almas e administram dos divinos Sacramentos sam bispos sem bago e mitra, pois fazem na igreja neste particular o que hé da obrigaçam episcopal. Quem quizer ver quão continos sejam nisto entre pollos templos dos religiosos e achará mais fonte de louvor que materia de lagrimas. E se com curiosidade quiser descorrer por inteiro de suas casas*

⁴¹ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 32 r.

⁴² Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões...*, ed. cit., fol. 33 r.

acchalos á a meia noite levantados a cantar os divinos louvores, e depois em oraçam mental, verá depois de completa e matinas tomar não só publicas mas também particulares disciplinas e regarem muytos religiosos e religiosas a terra com sangue que delles anda sempre correndo... Verão que se ajuntão no choro a cantar as sete horas canonicas; verão que de contino se occupão em bem das almas [a] confessar, pregar, ler nas cadeiras e ensinar a santa theologia e filosofia necessaria. E se Deos lhe revelara ou dera olhos de linco virão como abaixo mostrarey muytos religiosos cingidos de cilicio, de cadeas de ferro que lhe achão cingidas depois de mortos; virão-os dormir nas duas taboas, outras vezes na terra nua, e mais obras que elles procurão nesse estado só aos olhos de Deos serem manifestas, que são materia de louvar e nam ocasiam de lagrimas...⁴³.

Perante esta evocação, com os limites e matizes que se quizerem e que Fr. Pedro não negaria, e que a História não rejeita, compreende-se bem que o autor de *Defensam das Sagradas Religiões* se admire, uma vez mais, não tanto das críticas que partem dos herejes, mas sim das dos que se dizem filhos da Igreja..., outras das notas que Fr. Pedro mais repete ao longo do seu escrito.

A *Defensam* acaba aqui, ainda que não o livro. A argumentação dos capítulos seguintes não faz mais do que retomar, para lhes responder particularmente, algumas das questões e argumentos trazidos pela crítica das religiões, melhor, do estado actual das religiões, especialmente no que à interpretação de algumas visões se refere... É esta uma maneira de voltar sobre alguns argumentos a partir de análises de pormenor que só teria interesse em ponderar aqui se nos dispusessemos a um estudo comparativo das diversas interpretações aduzidas. Apontemos apenas o último e grande argumento: a *multidão de santos* com que as ordens religiosas adornam o céu. Só a ordem de S. Bento deu, até 1490, 15 600 santos. É um exemplo da «contabilidade» de Fr. Pedro. E se bem que o autor diga só apontar alguns, confessemos que a sua lista é aplastante, como resultado de ter percorrido as crónicas de S. Bento, S. Bruno, S. Bernardo, St.º Agostinho, S. Francisco, S. Domingos e St.º Inácio de Loyola. É um catálogo impressionante — e muito útil como repertório de nomes e de algumas obras que pode ser um ponto de partida para uma bibliografia de literatura da espiritualidade em Portugal ou, enquanto essa não chega (e chegará algum dia?) para uma simples lista como a que elaborou Menéndez y Pelayo para Espanha. Tal catálogo ocupa uma larga parte da *Defensam das Sagradas Religiões*... Compreende-se bem que assim seja, já que a pedra de toque dos seus opositores era a afirmação de que

⁴³ Fr. Pedro Calvo, *Defensam das Sagradas Religiões*..., ed. cit., fols. 35 r-35 v.

nas religiões já não florescia a santidade..., como muitos outros, pela mesma época, negaram a existência de verdadeiras revelações particulares na Igreja... A prova foi a multiplicação de livros de visões e revelações ao longo do século XVII... Segundo Fr. Pedro Calvo não só floresce a santidade em número — Fr. Pedro começa geralmente a sua contagem à volta de 1517... por razões que não explica, mas que é fácil de imaginar — e também em qualidade. Aqui vale a pena destacar, porque ele também os destaca, os milagres da paragem do sol no meio do céu por intercessão de Fr. Francisco de Ximenes, Cardeal de Toledo, durante a conquista de Orão e por Fr. Poncio de Planedis dominicano e inquisidor de Lérida depois da sua morte... São os «novos prodigiosos» José da Igreja... Um franciscano... O outro dominicano... Não nos tinha dito que a *Defensam* fora motivada pela crítica feita às ordens mendicantes, especialmente aos franciscanos?

De todos os modos, no primeiro quartel do século XVII... o sol parado no meio do céu... Uma fé..., um argumento e uma mentalidade dos começos do século XVII na Península Ibérica contrapostos, se dermos crédito a Barbosa Machado (e há que esclarecê-lo), a outros do outro lado dos Pirinéus..., mesmo sabendo que desse lado nem todos apontaram essas «misérias dos tempos»... Mas essa era outra dimensão, mais dramática e mais violenta, da polémica. É, pelo menos, o que hoje por hoje nos parece.